
**TEOLOGIA, DIÁLOGO ECUMÊNICO E
DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO**



MESMO PROIBIDO, OLHAI POR NÓS: O DESAFIO ECUMÊNICO DIANTE DE MANIFESTAÇÕES E PROIBIÇÕES RELIGIOSAS NA HISTÓRIA DO BRASIL¹

*Even prohibited, behold for us: the challenge before ecumenical religious
manifestations and prohibitions on Brazil history*

Cristiano Ritzmann²

RESUMO

Em sociedades onde não ocorre uma hegemonia religiosa, aparece o pluralismo religioso como resultado de uma democratização que reconhece legitimidade nas diversas expressões religiosas. O pluralismo religioso é uma realidade inevitável que faz parte do cenário do século XXI. A presença da diversidade religiosa é crescente no panorama mundial. Fato é que o pluralismo religioso nos dias de hoje tem desafiado todas as religiões ao exercício do diálogo. No Brasil esta realidade não é diferente. Como sair de um impasse ecumênico e promover o engajamento e o diálogo entre as manifestações religiosas de nosso país?

¹ Artigo recebido em 28 de julho de 2014 e aprovado pelo Conselho Editorial em reunião realizada em 4 de janeiro de 2015, com base nas avaliações dos pareceristas *ad hoc*.

² Cristiano Ritzmann é Bacharel em Economia pela Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE (2003), Bacharel em Teologia pela Faculdade Luterana de Teologia – FLT (2007) e aluno do Mestrado Acadêmico em Teologia da Faculdades EST em São Leopoldo/RS. E-mail: ritzmann_luther@yahoo.com.br.

Como ser igreja em meio a uma sociedade de cultura e religiosidade tão plural? Somos chamados ao diálogo e a convivência entre as diferentes denominações para não cair num fundamentalismo religioso.

Palavras chave: Religião. Pluralismo. Ecumenismo. Diálogo ecumênico. História. Brasil.

ABSTRACT

In societies where there is not religious hegemony, religious plurality appears as a result of democratization recognizing legitimacy in the various religious expressions. Religious pluralism is an inevitable reality that is part of the XXI Century scenario. The presence of religious diversity is increasing worldwide. The fact is that religious pluralism has currently challenged all religions into dialogue practice. In Brazil this reality is not different. How to get out of an ecumenical stalemate and promote engagement and dialogue between religious manifestations of our country? How to be church in the midst of a society of varied culture and religion? We are called to the dialogue practice and coexistence among the different denominations in order not to fall in the religious fundamentalism.

Keywords: Religion. Pluralism. Ecumenism. Ecumenical dialogue. History. Brazil.

O pluralismo religioso é uma realidade inevitável que faz parte do cenário do século XXI. A presença da diversidade religiosa é crescente no panorama mundial. Fato é que o pluralismo religioso nos dias de hoje tem desafiado todas as religiões ao exercício do diálogo³. No Brasil esta realidade não é diferente.

Como sair de um impasse ecumênico e promover o engajamento e o diálogo entre as manifestações religiosas de nosso país? Como ser igreja em meio a uma sociedade de cultura e religiosidade tão plural? Para compreendermos a questão ecumênica em nosso país é necessário refletir sobre os conceitos religiosos e a formação cultural e religiosa de nosso país.

Para Tillich, a religião é uma dimensão necessária da vida do homem. A religião é a substância, o fundamento e a profundidade da vida do homem, e, portanto, o âmbito religioso e o âmbito secular não podem ser separados, pois a religião não é um âmbito, mas a dimensão da profundidade⁴.

Religião significa o estado em que somos tomados pela preocupação suprema, não restrita a determinado âmbito. Esse estado refere-se a todos os

³ TEIXEIRA, Faustino; DIAS, Zwinglio Mota. **Ecumenismo e diálogo inter-religioso**. A arte do possível. Aparecida: Santuário, 2008, p. 119.

⁴ TILLICH, Paul. **Teologia da cultura**. Trad. Jaci Maraschin. São Paulo: Fonte Editorial, 2009.

momentos de nossa vida em qualquer espaço. O universo é santuário de Deus. Cada dia de trabalho é do Senhor, cada Ceia é do Senhor, etc.

De acordo com Sinner, “ser Igreja é saber-se inserida na história, em toda sua ambiguidade”⁵. Desde os primórdios da história do Brasil, já encontramos algum tipo de relação com o mundo religioso. Segundo Lobo, “o sentimento religioso também contribuiu para a expansão portuguesa, pois o cristianismo seria difundido através das conquistas além-mar”⁶.

No dia 8 de março de 1500, o então monarca português, Dom Manuel assiste à Missa, celebrada por D. Diogo Ortiz, junto com toda a corte portuguesa na capela dedicada ao Infante Dom Henrique, todos fazendo orações para o êxito na viagem da grande expedição para as Índias sob o comando de Pedro Álvares Cabral. Nesta expedição vieram o Frei Henrique, de Coimbra, e mais oito frades⁷.

Não se pode afirmar com certeza se Cabral perdeu-se da rota estabelecida por Vasco da Gama ou se o fez propositalmente. Fato é que em 22 de abril do ano de 1500 o Brasil foi descoberto. Primeiramente recebeu o nome de Ilha de Vera Cruz e depois, ao saber-se não se tratar de uma ilha passou a se chamar Terra de Santa Cruz e somente mais tarde por causa da madeira aqui encontrada de nome pau-brasil, nosso país passou a se chamar Brasil⁸.

Chama a atenção, que os portugueses que pregavam que a “Fé é o Império”, abençoados pelo Papa em sua missão evangelizadora não trouxeram consigo uma cruz de pedra, daquelas que sempre implantavam como sinal de sua conquista e tiveram que improvisar uma⁹, mas tão logo descoberto, já no dia 25 de abril foi celebrada pelo Frei Henrique a primeira missa no Brasil¹⁰. O trecho a seguir da carta de Pero Vaz de Caminha endereçada a D. Manuel nos dá uma ideia melhor do que foi este acontecimento:

⁵ SINNER, Rudolf von. *Eclesiologia ecumênica: possibilidades e limites*. In: **Teocomunicação**. Porto Alegre, v. 41, n. 1, p. 68.

⁶ LOBO, Haddock. *História Econômica e Administrativa do Brasil*. São Paulo; Rio de Janeiro: Editora Atlas, 1970, p. 22.

⁷ Comissão Didática Laudes. **História do Brasil até a Independência**. Rio de Janeiro: Editora Laudes, 1973, p. 13-14.

⁸ FERREIRA, Olavo Leonel. **História do Brasil**. São Paulo: Editora Ática S.A., 1984, p. 22-23.

⁹ Comissão Didática Laudes, 1973, p. 15.

¹⁰ Comissão Didática Laudes, 1973, p. 16.

Ao domingo de Pascoela pela manhã, determinou o Capitão ir ouvir missa e sermão naquele ilhéu. E mandou a todos os capitães que se arrajassem nos batéis e fossem com ele. E assim foi feito. Mandou armar um pavilhão naquele ilhéu, e dentro levantar um altar mui bem arranjado. E ali com todos nós outros fez dizer missa, a qual disse o padre frei Henrique, em voz entoada, e oficiada com aquela mesma voz pelos outros padres e sacerdotes que todos assistiram, a qual missa, segundo meu parecer, foi ouvida por todos com muito prazer e devoção. Ali estava com o Capitão a bandeira de Cristo, com que saíra de Belém, a qual esteve sempre bem alta, da parte do Evangelho. Acabada a missa, desvestiu-se o padre e subiu a uma cadeira alta; e nós todos lançados por essa areia. E pregou uma solene e proveitosa pregação, da história evangélica; e no fim tratou da nossa vida, e do achamento desta terra, referindo-se à Cruz, sob cuja obediência viemos, que veio muito a propósito, e fez muita devoção¹¹.

Os nativos de nosso país acabaram sendo chamados de índios e tinham suas crenças religiosas e seu chefe religioso, o pajé, que tinha muita influência sobre todos os que faziam parte da aldeia. Esta influência se dava pelos poderes mágicos que possuía de acordo com a crença religiosa dos indígenas¹².

As incursões cristãs no Brasil tiveram seu início com os jesuítas que chegaram ao país em 1549 com o primeiro governador geral, e durante mais de trinta anos foram os únicos religiosos e educadores da colônia. A partir de 1580, vieram então padres de outras congregações religiosas: franciscanos, carmelitas e beneditinos. Estes assumiram também o papel religioso, mas a educação no período colonial continuou a cargo dos jesuítas. Converter índios à religião cristã foi a primeira atividade a que se dedicaram no Brasil os padres da Companhia de Jesus¹³.

Já nos primeiros tempos da colonização foram trazidos escravos negros para o Brasil, devido à reduzida capacidade de trabalho dos escravos indígenas e também porque as ordens religiosas, em especial a Companhia de Jesus, mostraram-se contrárias a escravidão dos índios¹⁴. Assim, em meados do século XVII o número de negros já superava a população branca¹⁵.

A economia do Brasil Colônia e depois também do Brasil Império

¹¹ Trecho da carta de Pero Vaz de Caminha endereçada ao Rei D. Manuel em 01 de maio de 1500.

¹² FERREIRA, 1984, p. 29.

¹³ FERREIRA, 1984, p. 116.

¹⁴ LOBO, 1970, p. 42-43.

¹⁵ FERREIRA, 1984, p. 44.

dependeu quase que de forma exclusiva do trabalho de escravos negros que desenvolveram a monocultura canavieira, a mineração e a monocultura cafeeira. Estes escravos negros que foram trazidos para o Brasil pertenciam principalmente a dois grupos: os sudaneses e os bantos. Eles possuíam religião politeísta e suas crenças religiosas acabaram por se mesclar com o cristianismo, contribuindo para o sincretismo religioso. Estas formas sincréticas, até hoje são encontradas no Candomblé, no Batuque, na Macumba, em cujos terreiros pode-se encontrar imagens de Jesus Cristo, São Jorge, Santa Barbara, etc., ao lado de representações de divindades de origens africanas como Iemanjá, Exu e outras¹⁶.

Além destes dois grupos vieram para o Brasil grupos negros islamizados, os fulás e os mandês. Sua cultura religiosa era bem diferente das dos outros grupos, pois sofreram influência dos árabes na região da África de onde eram provenientes. Aqui no Brasil estes grupos adotaram o islamismo, acreditando em Alá e Mariama, que era para eles a mãe de Deus¹⁷.

A cultura e a religião dos negros de descendência africana no Brasil sofreram modificações porque eles, de certa forma, tiveram que adotar a cultura dos brancos que os mantinham como escravos. Todavia, a cultura e a religião dos negros não desapareceram. Dos contatos culturais e religiosos entre negros e brancos surgiram vários elementos da cultura e da religião brasileira de nossos dias¹⁸.

O primeiro contato do Brasil com protestantes deu-se através de franceses que invadiram o país no século XVI e de holandeses que também invadiram o país no século XVII, o que segundo SINNER¹⁹, foi uma presença apenas episódica.

Em 1808, com a vinda da família real portuguesa para o Brasil, constatou-se que o Brasil realmente era uma nação negra e chegou-se à conclusão da necessidade de se branquear a raça. Esse branqueamento somente poderia ocorrer se fosse permitido o ingresso de populações europeias, inclusive protestantes, e se ao mesmo tempo fosse substituída a mão-de-obra negra escrava pela mão-de-obra

¹⁶ FERREIRA, 1984, p. 45.

¹⁷ FERREIRA, 1984, p. 45.

¹⁸ FERREIRA, 1984, p. 45.

¹⁹ SINNER, Rudolf von. **Confiança e Convivência**: Reflexões éticas e ecumênicas. São Leopoldo: Sinodal, 2007, p. 28.

branca livre²⁰.

Após o retorno da família real portuguesa para Portugal, o príncipe regente permaneceu no Brasil e se tornou o chefe do Brasil Império. No dia 7 de setembro de 1822, D. Pedro I proclamou a independência do Brasil, mas a primeira constituição brasileira somente foi promulgada em 1824 e ela permitia, entre outras coisas, a liberdade religiosa, com certas restrições. A religião oficial do Império continuou sendo a Católica Apostólica Romana²¹.

No século XIX houve uma grande crise econômica em grande parte da Europa, o que fez com que o pequeno agricultor, o operário e o servo que adquiriu liberdade migrassem de seu país natal. Migraram para o Brasil: alemães, suíços, noruegueses, holandeses, dinamarqueses, suecos, italianos, austríacos, russos, poloneses, entre outros. Entre eles encontramos muitos protestantes de confissão luterana, unida, reformada, valdenses e anabatistas²².

A Constituição do Brasil Império concedia aos imigrantes protestantes liberdade religiosa, mas com certas ressalvas. Dentre estas ressalvas havia algumas que muito desagradavam os imigrantes protestantes, como por exemplo, a questão do matrimônio dos Evangélicos que foi reconhecida somente entre 1861 e 1863. Em relação aos casamentos mistos, somente era permitido se fosse celebrado pela Igreja Católica Apostólica Romana, sendo obrigatório que os filhos desses matrimônios fossem educados pela fé romana²³.

Os imigrantes tiveram que improvisar, faziam seus cultos em cabanas cobertas com folhas de palmeiras. O culto era celebrado aos domingos. Ao lado da escola normalmente havia os cemitérios protestantes, pois o cemitério público era administrado pela Igreja Católica e não era permitido que os protestantes fossem sepultados com os católicos. Somente mais tarde é que são erguidos prédios para servirem de templo, mas estes por sua vez, não podiam ter torres, nem sinos. Na falta de pastores, os imigrantes tiveram que escolher alguém do seio da comunidade para exercer a função, surge daí o pastor-colono. Como o pastor-colono muitas vezes assumia a função de professor e como a escola era ao mesmo tempo templo da comunidade, surgiu o termo escola-igreja, professor-

²⁰ DREHER, Martin Norberto. **História do povo luterano**. São Leopoldo: Sinodal, 2005, p. 50.

²¹ SINNER, 2007, p. 28.

²² DREHER, 2005, p. 49.

²³ DREHER, 2005, p. 52.

pastor, muito característico na história da IECLB (Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil)²⁴.

No Brasil Império, a Igreja Católica Apostólica Romana era unida ao Estado, fazendo do catolicismo a religião oficial do Império, ou seja, o imperador também tinha poderes sobre a Igreja, ele podia nomear bispos e intervir em outras situações da Igreja. Nesse tempo foi criada no Brasil a chamada *questão religiosa*, pois o papa havia condenado a maçonaria, mas a monarquia não aprovou a condenação do papa, entretanto, os bispos de Belém e Olinda cumpriram a ordem do papa e suspenderam as ordens religiosas onde existiam maçons, isto em 1872. O governo, no entanto, ordenou que os bispos retirassem a suspensão, mas os religiosos se recusaram e por isso foram condenados a prisão. Em 1875, Dom Pedro II perdeu-os, mas já havia perdido a simpatia de muitos católicos, o que também contribuiu para a causa republicana²⁵.

Com a Proclamação da República em 15 de novembro de 1889 a Igreja Católica perdeu seu caráter de religião oficial. Em 16 de julho de 1934 foi promulgada a nova constituição que introduziu inovações, dentre elas inovação no campo religioso que dava garantia de igualdade de todos perante a lei e garantia de liberdade política e religiosa²⁶.

Um dos símbolos nacionais do Brasil é a estátua do Cristo Redentor no Rio de Janeiro. Com 38 metros de altura, foi inaugurada no dia 12 de outubro de 1931, no dia da padroeira do Brasil, Nossa Senhora da Conceição Aparecida. Naquele dia, em meio a 50 bispos e arcebispos, o cardeal Sebastião Leme de forma muito ousada afirmou que “ou o Estado reconhece o Deus do povo, ou o povo não reconhecerá o Estado”. Isso foi dito na presença de Getúlio Vargas, chefe do governo provisório, que passou a respeitar e a construir um relacionamento estreito com a Igreja Católica Apostólica Romana. Sebastião Leme foi então o arquiteto de uma nova influência maciça da igreja sobre o Estado e o espaço público, criando assim a neocristandade, ou seja, uma religião pública visível até o presente dia²⁷.

Em 1988 foi promulgada a mais recente constituição de nosso país, a qual é vigente até o presente dia. Nela também estão garantidos os direitos de liberdade religiosa como consta em seu artigo 5º:

²⁴ DREHER, 2005, p. 52.

²⁵ SANTOS, Maria Januária Vilela. **História do Brasil**. São Paulo: Ática, 1979, p. 123.

²⁶ SANTOS, 1979, p. 169.

²⁷ SINER, 2007, p. 59.

Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes:

VI - é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias;

VII - é assegurada, nos termos da lei, a prestação de assistência religiosa nas entidades civis e militares de internação coletiva;

VIII - ninguém será privado de direitos por motivo de crença religiosa ou de convicção filosófica ou política, salvo se as invocar para eximir-se de obrigação legal a todos imposta e recusar-se a cumprir prestação alternativa, fixada em lei²⁸.

Entre liberdades, restrições, proibições e manifestações religiosas, o Brasil construiu sua religiosidade. Entre encantos e cantos de nosso país, a religiosidade se mistura à cultura, aos desejos, à música e às paixões, como o futebol por exemplo. O trecho da música de Jorge Ben Jor, expressa muito bem isso:

Moro num país tropical, abençoado por Deus
E bonito por natureza, mas que beleza
Em fevereiro (em fevereiro)
Tem carnaval (tem carnaval)

Tenho um fusca e um violão
Sou Flamengo
Tenho uma nêga
Chamada Tereza²⁹

O Brasil é um país tropical, não só abençoado por Deus, vai-se muito além. Muitas vezes ousa-se dizer que Deus é brasileiro, fato retratado no filme Deus é Brasileiro de 2003, uma comédia dirigida por Cacá Diegues. O roteiro é baseado no conto “O Santo que não Acreditava em Deus”, de João Ubaldo Ribeiro, e adaptado por Cacá Diegues, João Emanuel Carneiro e Renata de Almeida. Cansado de tantos erros cometidos pela humanidade, Deus (Antônio Fagundes)

²⁸ 5º artigo da Constituição do Brasil de 1988. Este 5º artigo é composto de 77 parágrafos, mas aqui estão listados somente aqueles que dizem respeito à religião.

²⁹ Parte da letra da música “País Tropical” de Jorge Ben Jor.

resolve tirar umas férias dela, decidindo ir descansar em alguma estrela distante. Para tanto precisa encontrar um substituto para ficar em seu lugar enquanto estiver fora. Deus resolve então procurá-lo no Brasil, país tão religioso que ainda não tem um santo seu reconhecido oficialmente. Seu guia em sua busca é Taoca (Wagner Moura), um esperto pescador que vê em seu encontro com Deus sua grande chance de se livrar dos problemas pessoais. Juntos, eles rodam o Brasil em busca do substituto ideal³⁰.

Bonito por natureza, assim é o Brasil. Cheio de belezas e recursos naturais que enchem os olhos e ambição de quem os vê. Como já dizia Pero Vaz de Caminha em sua carta endereçada ao rei português D. Manuel:

Esta terra, Senhor, parece-me que, da ponta que mais contra o sul vimos, até à outra ponta que contra o norte vem, de que nós deste porto houvémos vista, será tamanha que haverá nela bem vinte ou vinte e cinco léguas de costa. Traz ao longo do mar em algumas partes grandes barreiras, umas vermelhas, e outras brancas; e a terra de cima toda chã e muito cheia de grandes arvoredos. De ponta a ponta é toda praia... muito chã e muito formosa. Pelo sertão nos pareceu, vista do mar, muito grande; porque a estender olhos, não podíamos ver senão terra e arvoredos -- terra que nos parecia muito extensa.

Até agora não pudemos saber se há ouro ou prata nela, ou outra coisa de metal, ou ferro; nem lha vimos. Contudo a terra em si é de muito bons ares frescos e temperados como os de Entre-Douro-e-Minho, porque neste tempo d'agora assim os achávamos como os de lá. Águas são muitas; infinitas. Em tal maneira é graciosa que, querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo; por causa das águas que tem!

Contudo, o melhor fruto que dela se pode tirar parece-me que será salvar esta gente. E esta deve ser a principal semente que Vossa Alteza em ela deve lançar....Deste Porto Seguro, da Vossa Ilha de Vera Cruz, hoje, sexta-feira, primeiro dia de maio de 1500³¹.

Hoje, o Brasil é conhecido como país do Carnaval e do futebol. São verdadeiras paixões nacionais nas quais também percebemos manifestações religiosas, mas estas paixões nacionais, por sua vez, também têm seus conflitos quando misturadas a religião.

O Carnaval é uma festa que se originou na Grécia em meados dos anos 600 a 520 a.C.. Através dessa festa os gregos realizavam seus cultos em

³⁰ Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Deus_%C3%89_Brasileiro>. Acesso em: 10 jul. 2013.

³¹ Trecho da carta de Pero Vaz de Caminha endereçada ao Rei D. Manuel em 01 de maio de 1500.

agradecimento aos deuses pela fertilidade do solo e pela produção. Passou a ser uma comemoração adotada pela Igreja Católica em 590 d.C.. É um período de festas regidas pelo ano lunar no cristianismo da Idade Média. O período do Carnaval era marcado pelo “adeus à carne” ou do latim “carne vale” dando origem ao termo “Carnaval”. Durante o período do Carnaval havia uma grande concentração de festejos populares. Cada cidade brincava a seu modo, de acordo com seus costumes. O Carnaval moderno, feito de desfiles e fantasias, é produto da sociedade vitoriana do século XIX. A cidade de Paris foi o principal modelo exportador da festa carnavalesca para o mundo. Cidades como Nice, Nova Orleans, Toronto e Rio de Janeiro se inspirariam no Carnaval parisiense para implantar suas novas festas carnavalescas. Já o Rio de Janeiro criou e exportou o estilo de fazer carnaval com desfiles de escolas de samba para outras cidades do mundo, como São Paulo, Tóquio e Helsinque. O Carnaval do Rio de Janeiro está atualmente no Guinness Book como o maior Carnaval do mundo, com um número estimado de 2 milhões de pessoas, por dia, nos blocos de rua da cidade. Em 1995, o Guinness Book declarou o Galo da Madrugada, da cidade do Recife, como o maior bloco de carnaval do mundo³².

Mesmo que ligado pela história com a religiosidade, esta paixão nacional que é o Carnaval também sofreu proibições do mundo religioso. Em 1989 a Escola de Samba Beija Flor de Nilópolis sob a direção do carnavalesco Joãozinho Trinta foi proibida pela Igreja Católica de exibir a imagem do Cristo Redentor em um de seus carros alegóricos. No carnaval seguinte a morte do carnavalesco, a Escola exibiu a imagem com a cabeça do carnavalesco, como noticia o Jornal Folha de São Paulo:

Em 89, a Beija-Flor foi impedida de levar para o sambódromo a imagem de um Cristo mendigo dentro do enredo “Ratos e Urubus, Larguem Minha Fantasia”. Joãozinho, então, envolveu a estátua em plástico preto, com uma faixa onde se lia “Mesmo proibido, olhai por nós”. Na homenagem desta noite, a Beija-Flor colocou uma estátua de Joãozinho num carro cheio de mendigos em alusão à alegoria proibida³³.

A paixão por carros também faz parte da cultura brasileira. Neles também se encontram as mais diversas manifestações religiosas, como rosários, fitinhas de santos, adesivos de Nossa Senhora Aparecida e outros adesivos

³² Fonte: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Carnaval>>. Acesso em: 10 jul. 2013.

³³ Jornal Folha de São Paulo, 20 fev. 2012.

contendo mensagens, como por exemplo: “Que Deus te dê em dobro o que me desejares”, “Exu é fiel”, “Deus é fiel”, “Em caso de arrebatamento, esse carro ficará desgovernado”, um tanto egoísta, “Deus é fiel, e você?”, “Abençoado”, “Jesus te ama!”, “Deus te abençoe!”, “Ora que melhora!”, “100 Deus: 100 chance!”, “Deus sem você é Deus, você sem Deus é nada!”, “Deus é a minha rocha!”, e tem também aqueles humorados: “Tá nervoso? Vai Orar!”, “Em caso de arrebatamento entregue esse carro para minha sogra”, apesar de estar condenando a sogra.

Também o futebol tem suas manifestações religiosas. Vale reza, prece e até promessa. O torcedor não pensa duas vezes na hora de pedir uma ajuda divina quando o time do coração está no aperto. A fé entra em cena no futebol. Daí surgem os santos protetores. Cada clube adota o seu e passa a ver nele a figura de um padroeiro. O Corinthians, por exemplo, batizou São Jorge como padroeiro, associando o espírito guerreiro do santo com o perfil de raça que o time diz possuir na essência. O São Paulo nem precisou escolher padroeiro. A resposta está no próprio nome do clube. No Rio de Janeiro os quatro grandes são bem apegados aos seus santos protetores. A relação do Vasco com Nossa Senhora das Vitórias remonta o primeiro título estadual do clube, em 1923, quando os jogadores entraram em campo na final com medalhas milagrosas da santa. Os flamenguistas oram por São Judas Tadeu (conhecido como santo das causas impossíveis) e lotam a paróquia do santo nas vésperas de jogos decisivos. Ritual semelhante ao dos botafoguenses, em relação a Nossa Senhora da Conceição, e dos torcedores do Fluminense, que pedem proteção a Nossa Senhora da Glória. Há ainda um detalhe: a torcida do Fluminense também rende homenagens ao papa João Paulo II e até criou o cântico “A bênção, João de Deus”³⁴.

Todavia, em 2010 o Jornal Estadão já noticiava que a FIFA pediu aos jogadores de futebol moderação na expressão de fé durante a Copa da África do Sul. Um comunicado foi enviado às federações de futebol dos países que disputaram a competição na tentativa de impedir que seus atletas festejassem gols e vitórias com mensagens religiosas. E o Brasil é um dos que mais preocupava a FIFA. O uso de mensagens escritas em camisetas por baixo do uniforme foi proibido, mas em várias ocasiões, atletas têm esperado o final da partida para rezar e exibir mensagens. A primeira grande polêmica surgiu quando o Brasil ganhou da Alemanha em 2002 e conquistou o penta. As autoridades esportivas insistem que não querem transformar a Copa em evento político ou religioso. Mas vivem

³⁴ Jornal O Povo, 23 abr.2011.

situação delicada, já que a aplicação de multas pode dar a polêmica impressão de cerceamento religioso. Jérôme Valcke, secretário-geral da entidade, acreditava que a solução era pedir o compromisso das seleções para evitar as mensagens religiosas. A FIFA insistia que não há problema em incluir religiosos na comitiva, mas proibiu a promoção de qualquer religião. Os jogadores estão proibidos de levantar a camisa para mostrar mensagens religiosas escritas em camisetas usadas por baixo do uniforme³⁵.

Hoje o Brasil é o país mais católico do mundo, com 123 milhões de fiéis, mas também é o país mais pentecostal do mundo. Também chama atenção a expressiva presença de terreiros de Candomblé, ou do batuque como é chamado no Rio Grande do Sul. Esta e outras religiões afro-brasileiras acabaram por tornarem-se brancas, espalhando-se entre os descendentes da colonização europeia no Brasil.

Diante de tantas expressões religiosas misturadas a uma vasta diversidade cultural e as paixões nacionais, parece que o ecumenismo é mais desafiador do que se pensa. Ainda se está muito longe do Brasil viver um “mar de rosas” ecumênico. O desafio do diálogo inter-religioso é uma realidade que clama a cada dia. Todavia, há algumas questões básicas que precisam ser observadas no diálogo ecumênico.

Poder dialogar exige o mínimo de abertura para que se possa aprender algo com quem se dialoga. O exclusivismo não deixa nenhum espaço para o diálogo³⁶. O diálogo exige uma disponibilidade de abertura e acolhimento, ou seja, implica atenção, respeito e acolhida do outro, reconhecendo-lhe o espaço para sua identidade pessoal, para suas expressões e seus valores³⁷.

Por isso tudo, acredita-se que impor proibições não é o caminho para a construção do diálogo ecumênico, mas também impor manifestações de fé mescladas à cultura e às paixões nacionais também não torna nada fácil a caminhada ecumênica. A caminhada ecumênica no Brasil deve acontecer de forma que se respeite o outro, sem impor ao outro seu credo, religião, sua forma de viver a espiritualidade. Se, todos agem nessa imposição, ao invés do diálogo teremos uma guerra.

Há lugares, momentos e situações próprias para se manifestar a fé.

³⁵ Jornal Estadão 01 jun.2010.

³⁶ SINNER, p. 61.

³⁷ TEIXEIRA, Faustino; DIAS, Zwinglio Mota. **Ecumenismo e diálogo inter-religioso.** A arte do possível. Aparecida: Santuário, 2008, p. 141.

Respeitar o outro, não significa abrir mão de sua fé e de seus valores, mas entender que o outro também tem o direito de viver e expressar sua fé, sem, contudo, ele por sua vez, querer se impor.

A cooperação pelo bem comum concretiza os laços na união, no serviço e no testemunho diante do mundo, para que o mundo creia, conforme João 17.21³⁸.

REFERÊNCIAS

- Comissão Didática Laudes. **História do Brasil até a Independência**. Rio de Janeiro: Editora Laudes, 1973.
- DREHER, Martin Norberto. **História do povo luterano**. São Leopoldo: Sinodal, 2005.
- FERREIRA, Olavo Leonel. **História do Brasil**. São Paulo: Editora Ática S.A., 1984.
- LOBO, Haddock. **História Econômica e Administrativa do Brasil**. São Paulo; Rio de Janeiro: Editora Atlas, 1970.
- SANTOS, Maria Januária Vilela. **História do Brasil**. São Paulo: Ática, 1979.
- SINNER, Rudolf von. Eclesiologia ecumênica: possibilidades e limites. In: **Teocomunicação**. Porto Alegre, v. 41, n. 1.
- SINNER, Rudolf von. **Confiança e Convivência**: Reflexões éticas e ecumênicas. São Leopoldo: Sinodal, 2007.
- TEIXEIRA, Faustino; DIAS, Zwinglio Mota. **Ecumenismo e diálogo inter-religioso**. A arte do possível. Aparecida: Santuário, 2008.
- TILLICH, Paul. **Teologia da cultura**. Trad. Jaci Maraschin. São Paulo: Fonte Editorial, 2009.

³⁸ SINNER, p. 68.

